

## PERFIL

## O teólogo da libertação judaica

DANIEL STYGER

O escritor gaúcho Moacyr Scliar diz que ele é uma espécie de teólogo da libertação judaica. Tem uma capacidade incrível de valorizar a dimensão humana da religião.

Uma de suas maiores virtudes, opina uma astróloga amiga, é fazer dessa tradição milenar uma religião compatível com a realidade dos dias de hoje. Nilton Bonder, 35 anos recém-completos, é o que se pode chamar de um rabino de sucesso, por mais estranho que o termo possa parecer quando empregado para qualificar um rabino.

Engenheiro mecânico de formação, graduado pela Universidade de Columbia, de Nova York, Bonder se ordenou rabino no Jewish Theological Seminary, naquele mesmo estado, em 1986. Em apenas três anos, escreveu uma trilogia que virou best-seller: "A dieta do rabino — a cabala da comida", "A cabala do dinheiro" e "A cabala da inveja". São mais de 84 mil exemplares vendidos até agora. Na esteira desse sucesso — e da reflexão sobre a crise moral e ética vivida pelo país — Bonder acaba de lançar mais um livro pela editora Imago: "O crime descompensa — um ensaio místico sobre a impunidade" (180 páginas, Cr\$ 120 mil).

— Trato de episódios simples da realidade brasileira de uma maneira filosófica — explica o rabino.

O livro tem capítulos com nomes sugestivos, como "Suportando a impunidade", "O Bem não tem que triunfar" e "Saiba responder ao herege". Segundo Nilton, a idéia de que "o crime descompensa" serve para contrariar o dito popular de que "o crime não compensa". Para ele, esse dito dissimula uma percepção muito ruim de que o crime só não vale a pena porque não compensa.

— Na verdade, o que devemos ter em mente é que qualquer de-



Nilton Bonder: "Qualquer delito descompensa a sociedade como um todo"

lito, por maior ou mais direto que seja seu resultado financeiro para um indivíduo, não compensa e acaba desequilibrando a sociedade como um todo — argumenta o rabino.

Para explicar essa teoria, Bonder fala sobre a questão ecológica e cita a violência do Rio.

— Na sociedade carioca, um exemplo grande de descompensação é o dinheiro ilícito estar misturado com o da benemerência. Quando você tem o dinheiro da droga e do bicho sustentando postos de saúde é sinal de que a sociedade está tão descompensa-

da que não encontra mais seus valores — opina.

Em suas conversas particulares e nos ritos que celebra em sua sinagoga, a Congregação Judaica do Brasil, na Barra da Tijuca, Bonder costuma debater trechos da Bíblia e discutir diversos aspectos filosóficos, psicológicos e até econômicos da tradição. Ele conta, por exemplo, a história de um homem que viajava num barco quando resolveu, de repente, fazer um buraco no casco, debaixo de sua poltrona. Os demais tripulantes protestaram e pediram para que ele

Eny Miranda

Pouco a pouco o Brasil do carnaval vai dando lugar ao Brasil da culpa. A explosão de alegria que era resultado químico da mistura deste povo e desta terra está dando lugar a uma outra mistura explosiva — a sensação do que está sendo feito com este povo e com esta terra. O discurso nacional, avaliado no pregão diário dos bares de todas as esquinas, demonstra uma queda no batuque na caixa de fósforos e nas plenárias futebolísticas e uma alta nas falas sermonizadas. Esta sermonização do discurso, efeito colateral da culpa, é evidenciada também no vetor do mito de "incorporação" nacional. Não faz muito tempo e as praias e terreiros estavam repletos daqueles que buscavam a incorporação dos "espíritos selvagens" ou dos "espíritos da natureza", percebendo nestes entidades-guias que lhes mostravam o caminho. Rapidamente, no entanto, o vetor trocou de direção: proliferaram os templos nos quais a incorporação destes espíritos "selvagens e da natureza" é exorcizada como a manifestação de entidades perversoras que nos desviam do caminho. Esta revolução da culpa neste país não é tão surpreendente uma vez que é um efeito característico da natureza humana. O sábio constata que "nossa consciência é maior que nosso juízo e, portanto, não é surpreendente que nos enclausuremos na culpa".

parasse. Mas o sujeito respondeu: "Não se metam, o buraco é debaixo da minha cadeira."

— A sociedade é um bem comum. Você não pode, mesmo que seja por direito, por lei, ter certas condutas — opina.

Bonder é um rabino nada comum. Além de celebrar os ritos que a função exige, como casamentos, bar-mitzvas e enterros, ele se veste e se comporta como um jovem carioca. Gosta de correr na praia, de nadar e jogar tênis. Ouve rock e usa um computador para escrever seus livros. Casado com a arquiteta Es-

ther Kramer, pai do recém-nascido Daniel, Bonder é muito requisitado a aconselhar jovens, idosos ou casais em crise.

— Ele é um terapeuta da alma — opina a astróloga Esther Sterrenfeld.

Bonder conta que também é chamado para atuar em situações paranormais:

— Há situações em que as pessoas sentem vibrações complicadas, mal-assobradas, e buscam o rabino para ajudá-las a se livrar dessas energias ruins.

Bonder recorre então aos procedimentos dentro da tradição judaica para exorcizar essas energias. Ele cita casos de crianças "poltergeist" visitando sua sinagoga.

— Certa vez recebi uma criança problemática, que realizava fenômenos muito parecidos aos descritos na literatura paranormal. Ao entrar na minha sala, ela me transmitiu uma energia muito forte, pesada, e quebrou um quadro com um diploma atrás de mim. São coisas que a gente não sabe explicar — diz.

Gaúcho, morador no Rio desde a infância, Nilton Bonder sempre teve curiosidade pela astronomia, pela física teórica e assuntos místicos. Ele rejeita o rótulo de "rabino moderninho".

— Apenas tiro o mofo e a poeira para que as pessoas com alergia possam chegar nos livros e aprender que a tradição traz coisas lindíssimas — afirma.

Bonder diz que pertence a linha conservadora da religião judaica, nem ortodoxa, nem reformista. Mas os ortodoxos não pensam bem assim e não podem nem ouvir falar em seu nome.

— Não o conheço pessoalmente, nem tenho nada contra a pessoa dele. Sei apenas que não temos uma linguagem comum e que temos divergências ideológicas. Ele é super-super liberal — opina o rabino ortodoxo Eliezer Stauber, da Sinagoga de Copacabana.

Bonder fala de Bonder:

— A diferença entre eu e outros rabinos é que estou sempre preocupado em encontrar uma ponte com a realidade das pessoas e não estar fechado num quarto cheio de livros tentando sozinho elocubrar sobre a religião.